

FERNANDO CAVALEIRO ÂNGELO

DINFO

A QUEDA DO ÚLTIMO SERVIÇO
SECRETO MILITAR



casadasletras

ÍNDICE

1. A metamorfose das Informações Militares	11
2. O nascimento da DINFO	23
3. A pesquisa – A única forma de obter informações	45
4. Repartição E – A joia da coroa da DINFO	65
5. O perfil do agente secreto	103
6. O fenómeno do terrorismo em Portugal e no Mundo	141
7. Banditismo ou terrorismo de extrema-direita?	159
8. O terrorismo de extrema-esquerda	181
9. A atividade subversiva e terrorista das BR e FP 25	207
10. A espionagem em Portugal	247
11. Operação Búfalo	273
12. Operação Albatroz	315
13. Operação Tentilhão	361
14. Apoio aos grupos guerrilheiros em Angola, Moçambique e Timor-Leste	371
15. A Queda da DINFO. E depois?	391
Anexo documental	403
Principais fontes e obras consultadas	411
Agradecimentos	413
Índice onomástico	415

A METAMORFOSE DAS INFORMAÇÕES MILITARES

A história das informações militares portuguesas foi contada e recontada mais de um milhão de vezes nas últimas décadas. Alguns dos contadores dessa história não possuem um conhecimento prático em matéria de informações, havendo outros que têm unicamente uma percepção conceptual, metodológica e teórica sobre os fenómenos que ocorrem neste domínio secreto com implantação milenar. Um episódio demonstrativo deste facto ocorreu com um oficial general que ao assumir as funções de chefe da DINFO reuniu com os seus chefes de repartição para lhes dizer que tinha lecionado a disciplina de informações durante alguns anos no antigo Instituto de Altos Estudos Militares, pelo que não era necessário tomarem o seu tempo a explicar-lhe a atividade que desenvolviam. Talvez tivesse um conhecimento empírico da atividade, pois tinha lido alguns manuais da especialidade. Episódios semelhantes a este ainda continuam a verificar-se na atualidade; por vezes, a simples leitura de John Le Carré ou Ian Fleming constitui-se como a base do saber para a atividade de informações. No entanto, para adquirir um conhecimento prático, sistémico e aprofundado em matéria de informações, é necessário ter experimentado missões e operações reais. Muitas destas operações não vêm nos livros ou nos manuais da especialidade. Só dessa forma os ciclos e os processos são

testados e colocados à prova para fazer face à surpresa e contrariar a ameaça.

Ao analisar a atividade desenvolvida pela DINFO, tendo em conta o enorme sucesso que este serviço de informações militares teve no período conturbado do pós-25 de Abril, tem-se a noção do quão importante foi na preservação da segurança nacional em Portugal. Em termos de informações militares a sua atuação dividiu-se em dois períodos distintos: antes de 11 de março de 1975 e o pós-25 de novembro de 1975.

Numa primeira fase, a doutrina de base imposta pelo general Pedro Cardoso consistia numa atividade de informações que assentava na análise profunda da situação política, militar, económica, social, religiosa, entre outros aspetos, de um determinado país. Na segunda fase, a existência de uma ameaça real interna que colocava em risco a soberania nacional forçou a DINFO a focar-se inteiramente na pesquisa de informações relacionadas com terrorismo e espionagem. O confronto entre estes dois períodos da secreta militar pode ser refletido pelas declarações de um antigo chefe da Repartição de Pesquisa Coberta, o coronel Albano da Gama Diogo, que assumia que no Restelo, que eram as repartições de produção de informações da DINFO localizadas no EMGFA¹, na primeira fase não eram mais do que gabinetes de estudo. Sem a pesquisa, nenhuma produção podia ir além do que os gabinetes de estudo tão bem sabem fazer. Esta visão também era partilhada pelo comandante Serradas Duarte, o primeiro chefe da Repartição E, a repartição responsável pela pesquisa coberta da DINFO. Para combater uma ameaça com uma tipologia tão complexa e difusa, como é o caso do terrorismo e espionagem, a DINFO necessitou de migrar durante a segunda fase para um conceito que assentava primariamente na pesquisa coberta operacionalizada por agentes secretos e meios eletrónicos.

¹ Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Em termos de enquadramento conceptual, cada país tem um objetivo primordial que assenta na sua proteção e na garantia da sua segurança nacional. Um país é considerado seguro quando está protegido da ameaça de terrorismo, espionagem e subversão. O terrorismo que se desenvolveu a partir da década de 60 do século xx passou a englobar a sabotagem como uma das suas armas.

Uma vez definido o conceito de ameaça, o que um serviço secreto tem de procurar, por norma, é o agente da ameaça. Essa é a preocupação dos serviços de informações, sejam eles de índole militar ou civil. Sindicalismo e crime organizado não se enquadram na missão de um serviço secreto. Um país tem de definir quais são os seus opositores externos, conhecer as suas fraquezas, capacidades, intenções e motivações. As intenções dos agentes da ameaça são por norma difíceis de apurar e antecipar, atendendo à aleatoriedade e inconsistência do seu comportamento descortinável. Por outro lado, esses mesmos agentes possuem intenções idênticas, pelo que um serviço secreto tem também como objetivo evitar ou prevenir que as suas próprias fragilidades, capacidades e intenções sejam descobertas. Estes podem, pois, representar uma ameaça direta, ou mesmo indireta, para um determinado país, através da operacionalização de vertentes desestabilizadoras, como o terrorismo e subversão, para facilitar a fragilização das defesas do Estado contra este tipo de ameaças.

Quando se pretende saber quais as fraquezas, capacidades e intenções de um ator de interesse, torna-se praticamente impossível obter informações recorrendo exclusivamente à leitura de jornais. Mesmo que a teoria diga que se recolhe 80% da informação através de fontes abertas ao público, o que interessa são os restantes 20%, que permitem conhecer as intenções. No tempo da União Soviética, e a mentalidade ainda não mudou muito por aquelas paragens, o Kremlin apresentava falsas estatísticas sobre a população e o aparelho de produção, dizendo, por exemplo, que a URSS tinha

excedentes de trigo quando, na realidade, necessitava de recorrer ao mercado norte-americano para adquirir cereais. Mentia sobre as suas capacidades militares, empolando sobremaneira os quantitativos e a eficácia dos sistemas de armas e de deteção. Os norte-americanos apadrinhavam, em certa medida, estas falsidades dos soviéticos, por que lhes permitia inflamar a ameaça e desta forma «engordar» os orçamentos da defesa e das informações. Desmontar estas mentiras só é possível através da pesquisa.

Os conceitos de contrassubversão, ou contraespionagem, devem ser enquadrados na forma como na prática se materializam. As operações perpetradas contra os serviços secretos hostis têm de ser acompanhadas por ações de contraespionagem, no sentido de constatarem se estão, ou não, a ser intoxicados. Profissionais de informações que nunca geriram, coordenaram ou manipularam um agente duplo têm dificuldade em perceber quão vulneráveis estes são, defende o comandante Serradas Duarte. Quando se consegue «virar» um indivíduo, dizendo que «trabalha para eles, mas a partir de agora vai começar a trabalhar para nós», e ele aceita a proposta, será que este agente duplo trabalha de facto para nós a partir desse momento? Para que lado é que ele está a trabalhar? É este o trabalho da contraespionagem: perceber em que medida estamos a ser intoxicados, ou não, por alguém que pode ser manipulado a fazer um jogo duplo. Por vezes intui-se a situação. Testa-se permanentemente a lealdade e integridade do agente duplo. Quando se faculta um documento a um serviço secreto hostil por intermédio de um agente duplo, os elementos desse mesmo serviço secreto hostil não vão perceber que estão a ser enganados porque tudo o que é confirmável está consubstanciado por informações veríssimas, e tudo aquilo que não é possível, ou muito difícil, de confirmar está assente em mentiras. É um trabalho de elevado melindre e requer uma grande perícia dos responsáveis pela construção desta documentação, que vai servir como engodo.